



XVII SICTI
Seminário de Iniciação Científica,
Tecnológica e Inovação
X SIMIT
Simpósio de Inovação Tecnológica

**CIÊNCIA e
COOPERAÇÃO
na AMAZÔNIA**
**16 a 19 de
Setembro**
IFPA Campus Bragança

MULHERES PARAKANÃ E SUA LUTA PELO ACESSO À EDUCAÇÃO FORMAL: MATERNIDADE, APRENDIZADO E RESISTÊNCIA

Koxo'ona Parakanã¹, Myrtyia Parakanã², Tawata Parakanã³, Aoete Parakanã⁴, Marlene Borges de Carvalho⁵

¹ Acadêmica do Curso de Agroecologia Indígena, IFPA, Campus Rural de Marabá

² Acadêmica do Curso de Magistério Indígena, IFPA, Campus Rural de Marabá

³ Acadêmica do Curso de Magistério Indígena, IFPA, Campus Rural de Marabá

⁴ Acadêmica do Curso de Magistério Indígena, IFPA, Campus Rural de Marabá

⁵ Docente do Curso de Magistério Indígena, Agroecologia Indígena, Campus Rural de Marabá, E-mail: marlene.borges@ifpa.edu.br

Área 07 - Ciências Humanas | Subáreas: Filosofia, Teologia, Sociologia, Antropologia, Arqueologia, História, História das Ciências, Geografia, Psicologia, Educação, Ciência Política.

ODS04 - Educação de qualidade - Assegurar a educação inclusiva, e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

RESUMO: Este trabalho aborda o protagonismo das mulheres indígenas Parakanã de Itupiranga e Novo Repartimento-Pará no enfrentamento para acessar e permanecer no curso de Agroecologia Indígena e de Magistério Indígena, ofertado pelo Instituto Federal do Pará (IFPA), desde 2022, por meio do Campus Rural de Marabá, nos espaços do posto Taxaokokwera e da FATA. A partir de uma abordagem qualitativa e descritiva, discute-se o papel da maternidade, as barreiras socioculturais e institucionais, e os impactos da formação técnica nas práticas comunitárias e na reconfiguração de papéis de gênero, objetivando evidenciar o protagonismo e analisar os enfrentamentos dessas mulheres diante dessas dificuldades para o acesso e a permanência nos cursos, destacando os impactos dessa formação e ajustando-se às práticas comunitárias. Defendemos que a presença feminina na formação técnica representa uma forma de resistência diante de múltiplas opressões históricas.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres indígenas; Educação intercultural; Agroecologia; IFPA; Resistência.

INTRODUÇÃO

O acesso à educação formal pelos povos indígenas brasileiros tem sido historicamente negado ou limitado a formas de ensino que desconsideram suas culturas, línguas e modos de vida. Entre os desafios mais evidentes está a participação das mulheres indígenas, cujas trajetórias escolares são marcadas por barreiras adicionais ligadas à maternidade, aos papéis sociais e à ausência de políticas de permanência. No caso das mulheres Parakanã aldeadas nos municípios de Itupiranga e Novo Repartimento, a inserção no curso de Agroecologia Indígena, ofertado desde 2022 pelo Campus Rural do IFPA, representa um marco no processo de construção de uma educação intercultural e emancipadora. O objetivo desse trabalho é evidenciar o protagonismo dessas mulheres na construção de práticas educativas que dialogam com seus saberes tradicionais e demandas contemporâneas. Os cursos de Agroecologia Indígena e Magistério Indígena oferecidos pelo IFPA têm como objetivo formar técnicos capazes de dialogar com os saberes tradicionais e científicos em prol da sustentabilidade dos territórios indígenas. Desde sua implantação, tem sido realizado em dois polos de formação: o posto Taxaokoakoera¹ e a FATA². O formato descentralizado visa minimizar os efeitos do

¹ Posto de apoio às atividades do Programa Parakanã.



XVII SICTI
Seminário de Iniciação Científica,
Tecnológica e Inovação

X SIMIT
Simpósio de Inovação Tecnológica

**CIÊNCIA e
COOPERAÇÃO
na AMAZÔNIA**

**16 a 19 de
Setembro**

IFPA Campus Bragança

deslocamento e aproximar o processo formativo das realidades vividas pelas comunidades.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, descritiva e de cunho etnográfico, por buscar compreender os sentidos e experiências vividas pelas mulheres indígenas Parakanã no processo de acesso e permanência no curso de Agroecologia Indígena e Magistério Indígena, ofertados pelo IFPA – Campus Rural de Novo Repartimento, desde 2022. A opção por uma abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de captar as percepções, narrativas e estratégias de resistência dessas mulheres em seus próprios termos, valorizando suas vozes, culturas e modos de ser. A coleta de dados foi realizada por meio de observação e entrevistas semiestruturadas, com mulheres (koxoa³) Parakanã, informações obtidas nas aulas de Língua Portuguesa e coordenação do curso envolvidos no processo formativo, bem como lideranças comunitárias desse povo. Também foram utilizados diários de campo e observação participante, com visitas aos espaços de formação (aldeia, unidade da FATA e locais de produção agroecológica), respeitando os protocolos comunitários e éticos exigidos pelo povo Parakanã. Os dados foram analisados com base na análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), articulando as falas das interlocutoras com o referencial teórico sobre educação intercultural, gênero, agroecologia e epistemologias indígenas. A pesquisa seguiu os princípios éticos definidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, e os protocolos exigidos para pesquisas em territórios indígenas, como o respeito à autonomia das comunidades, à consulta livre, prévia e informada, e ao direito à propriedade intelectual coletiva dos saberes compartilhados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta pedagógica do curso baseia-se em princípios da interculturalidade crítica (WALSH, 2009), reconhecendo o conhecimento indígena como parte estruturante do currículo. No entanto, apesar das adaptações metodológicas, permanecem desafios estruturais, especialmente no que diz respeito à permanência das mulheres-mães indígenas no curso. As estudantes Parakanã enfrentam uma dupla (ou tripla) jornada: são mães, lideranças comunitárias e agora também estudantes. A sobrecarga de funções implica em ausências eventuais nas aulas, dificuldades de concentração e limitações de tempo para a dedicação aos estudos. Segundo Gomes (2017), a participação das mulheres (koxoa) indígenas na educação formal requer não apenas acesso físico à escola, mas também o enfrentamento de estruturas sociais que perpetuam desigualdades de gênero.

Segundo Alencar, Sena e Nonato (2022), os Awaete-Parakanã têm ressignificado o papel da escola em seu território, desenvolvendo propostas educativas que atendem aos seus projetos de futuro como grupo étnico. Nesse contexto, a maternidade, as barreiras socioculturais e institucionais, bem como os impactos da formação técnica nas práticas comunitárias, são elementos centrais na análise da presença feminina na educação intercultural. A inserção das mulheres (koxoa) Parakanã em cursos técnicos de agroecologia não apenas fortalece a autonomia e a valorização dos saberes tradicionais, mas também contribui para a construção de uma educação diferenciada e comprometida com a justiça social e o respeito às diferentes epistemologias (Ribeiro Junior, 2021). Assim, este trabalho busca compreender como a presença feminina na formação técnica representa uma forma de resistência e empoderamento diante de múltiplas opressões históricas, destacando o papel da agroecologia como ferramenta de transformação social e valorização cultural.

Além disso, a resistência à presença feminina em espaços tradicionalmente masculinos ainda é uma

² Fundação Agrária do Tocantins e Araguaia

³ Mulher em Awaeté Xeenga – língua dos Parakanã



XVII SICTI
Seminário de Iniciação Científica,
Tecnológica e Inovação
X SIMIT
Simpósio de Inovação Tecnológica

**CIÊNCIA e
COOPERAÇÃO
na AMAZÔNIA**
**16 a 19 de
Setembro**
IFPA Campus Bragança

realidade. Muitas mulheres precisam negociar sua participação no curso com os companheiros e lideranças, que por vezes não reconhecem de imediato a relevância da formação técnica para as mulheres. Entretanto, experiências em outros contextos demonstram que a inclusão das mulheres na educação fortalece a coletividade, a autonomia e a proteção territorial (KRENAK, 2020).

O curso de Agroecologia e Magistério tem proporcionado às koxoa Parakanã não apenas o acesso ao conhecimento técnico, mas também o fortalecimento de suas práticas tradicionais, através dos saberes agroecológicos levando a transformações locais, valorizando a agricultura de subsistência, o manejo sustentável dos recursos naturais e a soberania alimentar são temas recorrentes nas aulas e aplicados na prática comunitária. Hortas coletivas, troca de sementes nativas e oficinas de compostagem são exemplos de ações desenvolvidas com protagonismo feminino nas aldeias.

Esse processo, além de educativo, é profundamente político. Ao ocupar os espaços formativos, essas mulheres reconfiguram seu papel dentro da comunidade e ampliam suas possibilidades de intervenção social. Como destaca Oliveira (2018), a formação de mulheres indígenas em áreas técnicas representa uma ruptura com padrões coloniais de exclusão e um avanço na luta por autodeterminação.

CONCLUSÕES

A presença das mulheres Parakanã no curso de Agroecologia Indígena e Magistério Indígena do IFPA é, por si só, um ato de resistência. Apesar dos inúmeros obstáculos – maternidade, logística, ausência de políticas de permanência e tensões culturais – elas seguem firmes na busca por conhecimento, autonomia e transformação social. Mais do que formar técnicas em agroecologia e docência, os cursos têm sido espaço de afirmação identitária, fortalecimento comunitário e ressignificação dos papéis de gênero. Torna-se urgente, portanto, que instituições públicas, como o IFPA, aprofundem seu compromisso com a educação indígena, com políticas que garantam o acesso, permanência e sucesso das mulheres; o enfrentamento dessas desigualdades é condição essencial para a construção de um país verdadeiramente plural, justo e intercultural.

Referências

ALENCAR, M. C. M.; SENA, L. R. S.; NONATO, M. L. (2022). (Re)Existências do povo Awaete-Parakanã na construção de uma educação escolar específica e diferenciada. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, 7, e12221. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/campo/article/view/12221>. Acesso em: 12 maio 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44–46, 24 maio 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 08 maio 2025.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e diversidade**: pesquisa, formação de professores e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.



XVII SICTI
Seminário de Iniciação Científica,
Tecnológica e Inovação

X SIMIT
Simpósio de Inovação Tecnológica

**CIÊNCIA e
COOPERAÇÃO
na AMAZÔNIA**

**16 a 19 de
Setembro**

IFPA Campus Bragança

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Povos indígenas no Brasil: da tutela à autonomia.** Rio de Janeiro: FGV, 2018.

RIBEIRO JUNIOR, R. (2021). Notas sobre Educação “escolarizada” e os desafios para uma Educação Diferenciada Awaete-Parakanã. *Anais do Seminário Nacional de Antropologia e Indigenismo*, 1(1), 167-180. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/ANINC/article/download/9168/7253>. Acesso em: 13 maio 2025.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade e colonialidade do poder: um pensamento e posicionamento ‘outro’ a partir da diferença colonial.** In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2009.